

## Mundo

## APÓS ATENTADO TERRORISTA

Rússia alista 16 mil novos recrutas

Voluntários se apresentaram para lutar na Ucrânia: guerra se arrastará há dois anos



# MAIS MEDO, MENOS AJUDA

## ONGs reduzem presença em Gaza após ataque de Israel matar 7 trabalhadores humanitários

Dois dias depois de um ataque israelense matar sete trabalhadores da ONG humanitária World Central Kitchen (WCK) na Faixa de Gaza, organizações que operam no enclave palestino afirmaram que vão reduzir ou suspender sua presença na região, onde a ONU estima haver 2,2 milhões de pessoas à beira da fome. Os anúncios vêm no momento em que surgem detalhes sobre o bombardeio ao comboio, um incidente condenado inclusive por aliados de Israel.

Logo após o ataque, a WCK anunciou a suspensão imediata dos trabalhos e ordenou que navios que levariam cerca de 200 toneladas de ajuda a Gaza retornassem para Lâmbica, em Chipre. As embarcações deveriam atracar em um porto improvisado montado pela ONG, por onde passaram o equivalente a 43 milhões de refeições para a população civil desde o início da guerra, afirmou a WCK.



Repatriados. Com o levando os corpos dos funcionários da ONG World Central Kitchen chega ao posto de fronteira de Rafah, no sul da Faixa de Gaza, rumo ao Egito

## ASSISTÊNCIA INSUFICIENTE

Diante de uma situação incerta, na qual nem ações de entrega de ajuda humanitária têm garantias de segurança, muitos começam a repensar sua atuação em Gaza. É o caso da Anera, ONG baseada na EUA e presente nos territórios palestinos e outros países do Oriente Médio desde os anos 1960. Em comunicado, ela anunciou a "medida sem precedentes" de pausar seus trabalhos no enclave.

Em entrevista à al-Jazeera, a diretora da Anera para Gaza e Cisjordânia, Sandra Raabed, disse que seus funcionários sentem "como se houvesse um alvo em suas costas". Ao New York Times, o fundador da ONG Global Empowerment Mission, Michael Capponi, disse que alguns de seus funcionários "basicamente querem amarrar as coisas e ir embora".

O porta-voz do secretário-geral da ONU, Stéphane Du-

jarric, afirmou que todos os braços da organização ainda

presentes em Gaza, incluindo o Programa Mundial de Alimentos e a agência para os palestinos, a UNRWA, vão suspender as incursões durante a noite.

Desde o início da guerra de Israel contra o grupo terrorista Hamas, em outubro do ano passado, o acesso de ajuda humanitária a Gaza tem sido controlado de perto por Israel, e muitos itens que deveriam ser enviados ao território são barrados alegando-se "questões de segurança".

De acordo com a ONU, em média 117 caminhões com suprimentos entram em Gaza diariamente desde o dia 7 de outubro, 75% a menos do registrado antes do conflito — a organização afirma que seriam necessários 300 caminhões diários para atender as

necessidades básicas dos civis.

Com Israel se recusando a permitir a entrada de mais veículos — as autoridades dizem que evitar que os suprimentos caiam nas mãos do Hamas — países como Jordânia, Bélgica e os EUA, principal aliado de Israel, têm realizado lançamentos de ajuda pelo ar, e foi aberta uma rota marítima. Mas o volume ainda é considerado insuficiente, e a suspensão dos trabalhos das ONGs após as mortes dos funcionários da WCK dificultará ainda mais sua distribuição.

"Hospitais reduzidos a ruínas. Trabalhadores humanitários mortos. Cada colapso do sistema é uma nova devastação para os civis", escreveu no X, o antigo Twitter, a Cruz Vermelha Internacional.

Richard Weir, pesquisador sênior de crises e conflitos da Human Rights Watch, disse

em nota que "o ataque apre-

sentia as características de um ataque aéreo de precisão", e ressaltou "a urgência da investigação do Tribunal Penal Internacional sobre a Palestina".

## PERIGO INÉDITO

Um levantamento da Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (Usaid) mostra que 203 pessoas responsáveis por operações de ajuda em Gaza morreram desde o início da guerra.

— O nível de perigo que enfrentamos em Gaza é inédito — disse à AFP Claire Magone, porta-voz da Médicos Sem Fronteiras.

Anteontem, o Exército israelense emitiu um pedido de desculpas pelo ataque contra a WCK, afirmando ter se tratado de "um erro" operacional.

Pouco antes, o premier Benjamin Netanyahu lamentou o

que chamou de "trágico incidente", e o descreveu como "não intencional".

— O ataque não foi realizado com a intenção de ferir os trabalhadores humanitários da WCK. Foi um erro que se seguiu a uma identificação errada, à noite, numa guerra, em condições muito complexas. Isso não deveria ter acontecido — afirmou, em vídeo publicado nas redes sociais, Herzl Halevi, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas.

Segundo informações publicadas do jornal Haaretz, os veículos onde estavam os funcionários da ONG — três britânicos, um polonês, uma australiana, um americano-canadense e um palestino — estavam devidamente sinalizados, como determinaram as próprias autoridades israelenses. Contudo, a unidade militar responsável pela área identi-

cou um homem armado junto aos trabalhadores, e sinalizou que poderia ser do Hamas.

Pouco depois, três veículos deixaram um armazém e seguiram por uma rota aprovada pelo Exército de Israel — o homem armado, identificado inicialmente, não estava no comboio, confirmaram militares ao Haaretz.

Nesse momento, foi dada a ordem para o primeiro disparo de míssil a partir de um drone. Alguns dos passageiros conseguiram deixar o carro e ir para outro veículo, mas foram atingidos novamente. Quando outro carro chegou ao local, houve um terceiro disparo.

## ATAQUE SISTEMÁTICO

Para o fundador da WCK, o chefe espanhol Jose Andrés, não se tratou de um erro, mas sim de um "ataque sistemático" contra veículos que estavam devidamente identificados, e cuja presença na área foi comunicada previamente.

O incidente provocou uma onda de críticas. O presidente dos EUA, Joe Biden, disse anteontem que esse "não foi um incidente isolado", e que "Israel não tem feito o bastante para proteger trabalhadores humanitários que tentam chegar a civis que precisam desesperadamente de ajuda".

Se no campo externo a pressão sobre Netanyahu só aumenta, internamente o cenário não é muito melhor: ontem, um dos líderes da oposição, Benny Gantz, que é ministro do Gabinete de Guerra, defendeu eleições em setembro, um ano antes do previsto. Para ele, é uma forma de a "sociedade israelense renovar o contrato com sua liderança", e de "manter os esforços nacionais na luta contra o Hamas".

Favoreto nas pesquisas, o ex-ministro da Defesa pretende capitalizar a seu favor o movimento popular contra o premier, iniciado antes mesmo da guerra em Gaza. Publicamente, Netanyahu rejeita a votação antecipada, afirmando que isso levará "a paralisia do país".

## SOLIDARIEDADE ATÉ A MORTE

Damian Sobel, 36



O polonês juntou-se à WCK em 2022 e participou de missões humanitárias em Ucrânia, Marrocos e Turquia. Original da cidade de Przemyśl, onde estudou hotelaria, dedicou-se nos últimos seis meses ao trabalho em Gaza, documentando as atividades da instituição de caridade nas redes sociais nos dias que antecederam sua trágica morte.

Jacob Flickinger, 33



O americano-canadense Jacob Flickinger estava dedicado ao trabalho humanitário em Gaza desde março após um período como voluntário da WCK no México. Também era pai de um menino de 1 ano, de acordo com a AFP.

Após a morte, o premier canadense, Justin Trudeau, disse que "o mundo precisa de respostas muito claras sobre o que aconteceu".

John Chapman, 57



O britânico nasceu em Aylesbury, Buckinghamshire, e trabalhava para a empresa de gerenciamento de risco Solace Global, na equipe de segurança da WCK. Segundo a BBC, foi membro das forças especiais do Reino Unido. Em nota, sua família o descreveu como um "pai, marido, filho e irmão incrível". Morreu tentando ajudar as pessoas e foi submetido a um ato desumano.

James Henderson, 33



Nascido em Truro, no Reino Unido, também trabalhava para a Solace Global, sediada em Poole, Dorset. De acordo com sua página no LinkedIn, serviu por seis anos como fuzileiro naval da Marinha britânica, antes de trabalhar para empresas de segurança privada. Ele se descrevia como "um indivíduo altamente disciplinado, cortês e proativo".

Latzaumi Frankcom, 43



A australiana dedicou os últimos cinco anos de sua vida trabalhando para a WCK, com passagens por EUA e Tailândia. Em comunicado emocionado, seus familiares a descreveram como um "ser humano extraordinário", cuja vida foi ceifada enquanto desempenhava o trabalho que tanto amava: fornecer alimentos ao povo de Gaza.

James Kirby, 47



Natural de Bristol, no Reino Unido, era um veterano militar que também trabalhava para a Global Solace na equipe de segurança da WCK. De acordo com seu perfil no LinkedIn, era um ex-atorador de elite e se descrevia como alguém que mantinha "um comportamento calmo sob extrema pressão". Sua família disse que Kirby um "cavalheiro genuíno".

Saif Issam Abu Taha, 25



O palestino desempenhava funções como motorista e tradutor na WCK desde o início do ano. Descrito por seus irmãos como um "joão dedicado", ele demonstrava grande empenho em auxiliar outros palestinos. Além disso, era reconhecido como um empresário bem-sucedido que nutria o sonho de se casar. Foi enterrado em uma cerimônia em Rafah.